

REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO DE SUPERVISÃO NA PRÁTICA CLÍNICA

Maria das Graças Nascimento*

As reflexões contidas neste trabalho têm origem em diversas fontes: discussões com colegas que dão supervisão em clínica-escola; aulas da disciplina "Temas Atuais de Psicologia"; leitura (v. bibliografia ao final); e, sobretudo, vivências pessoais: minha experiência como aluna (supervisionada)** durante os últimos três anos e fantasias sobre o papel de supervisora que deverei desempenhar ao terminar o mestrado. Referem-se apenas à situação de supervisão individual, embora alguns aspectos apliquem-se também à supervisão em grupo.

Trata-se, portanto, de reflexões de alguém que só vi-veu efetivamente um lado da relação. Certamente, há muito mais a dizer sobre o tema; estou apenas assinalando alguns aspectos que me sensibilizaram durante as vivências a que me referi acima.

SUPERVISÃO CLÍNICA: UMA RELAÇÃO

A supervisão se constitui, antes de mais nada, numa relação humana e, como tal, sujeita a todas as vicissitudes que caracterizam as relações humanas: amor, raiva, submissão, competição, inveja, gratidão, desejo de independência, medo da independência, enfim, todas as emoções e sentimentos contraditórios e ambivalentes que permeiam as relações entre as pessoas. Tudo isto se complica pelo fato de ser uma relação desigual, de alguém que detém maior conhecimento e experiência com al-

(*) Mestranda — Instituto de Psicologia - PUCCAMP.

(**) Estou utilizando a palavra "aluno" para designar o supervisionando, mesmo que a situação não se refira à de clínica-escola.

guém que deseja partilhar desse saber, e cujo objeto de aprendizagem não se limita a habilidades e conhecimentos, mas inclui a própria personalidade do aluno, sua capacidade de utilizar as emoções como um instrumento de trabalho e o inconsciente como um receptor para captar as "mensagens" do paciente, para usar a analogia de Freud.

Trata-se de uma relação, a meu ver, mais difícil que a de terapia; ambas lidam com material que mobiliza angústia, culpa, inveja, ciúme, competição, medo, fantasias persecutórias e outras emoções perturbadoras, porém somente na situação terapêutica esses sentimentos e fantasias são trabalhados. O supervisor pode apenas apontar o que lhe parecerem dificuldades pessoais do aluno; se eles mantêm uma boa relação e o aluno está em terapia, torna-se uma oportunidade de crescimento; caso contrário, fica difícil ocorrer uma mudança.

ASPECTOS RELACIONADOS AO SUPERVISOR

Winnicott (1963), comparando a dependência do lactante com a dependência na transferência analítica, diz que um fator essencial para a análise é o "analista suficientemente bom". Acredito que esta afirmação se aplica também à relação de supervisão, nos aspectos ligados à dependência.

Parece-me que o sucesso ou fracasso da relação supervisor-aluno depende mais do supervisor que do aluno. É claro que, como se trata de uma relação, tudo que se passa nela diz respeito aos dois envolvidos; da mesma forma que os fatores constitucionais do bebê influenciam as reações da mãe, as características do aluno vão influenciar as atitudes do supervisor. No entanto, espera-se que o supervisor seja o membro mais amadurecido do par e saiba promover o crescimento do aluno a despeito dos problemas que possa haver, ou que o encaminhe a um outro profissional se isto for o mais indicado.

Penso que, da mesma forma que a mãe pode inconscientemente desejar que o filho não cresça para mantê-lo dependente, o supervisor pode dificultar o desenvolvimento do aluno por competição, por temer a separação, por medo de se sentir desnecessário ou superado. Pode também desejar tanto mostrar

seus conhecimentos que não abra espaço para que o aluno se coloque. Pode querer se impor como modelo, não permitindo que o aluno encontre seu próprio estilo. Pode se tornar sufocante, superprotetor, ou pode não respeitar as limitações do aluno, mostrando-se exigente e persecutório.

Todos esses aspectos, bem como os que se referem ao aluno e serão abordados a seguir, têm relação com vivências transferenciais e contratransferenciais dos dois membros do par.

ASPECTOS RELACIONADOS AO ALUNO

O aluno pode trazer muitas dificuldades para a relação de supervisão devido à sua maior imaturidade, inexperiência e também a características de personalidade.

Por insegurança, pode encarar a supervisão como persecutória, sentindo-se avaliado e criticado. Neste caso, pode reagir agressivamente, não aceitar as opiniões do supervisor ou até omitir e mesmo falsificar o material da sessão, para evitar que o supervisor perceba suas "falhas".

Pode ter inveja do saber do supervisor, ou idealizar este saber, esquecendo-se de que o supervisor se encontra numa posição privilegiada para analisar o material, sem a pressão do tempo e a ansiedade da situação terapêutica.

A competição pode igualmente levá-lo a querer mostrar apenas o que sabe, perdendo a oportunidade de aprender.

Uma atitude oposta seria a de submissão, em que o aluno aceita passivamente a opinião do supervisor, por ansiedade ou por medo de discordar.

Muitas outras variáveis interferem na relação de supervisão. Além dos fatores transferenciais e contratransferenciais, que foram parcialmente exemplificados nas considerações acima, há ainda: o paciente, a instituição (quando se trata

de clínica-escola) e o terapeuta do aluno. Porém, vou limitar-me ao que foi abordado, passando a considerar a tarefa que constitui o objetivo da supervisão: o ensino-aprendizagem de terapia.

A DIFÍCIL APRENDIZAGEM DE SER TERAPEUTA

Ser um bom terapeuta depende, principalmente, de um amadurecimento pessoal e profissional. É difícil aprender teoria se não se conhece o funcionamento da própria mente, e isto não se consegue apenas através de leituras, embora elas também sejam importantes. Só se consegue através de análise pessoal e de atendimento psicoterápico. É difícil suportar o não saber, confrontar-se com a maior experiência do supervisor e se perceber incapaz de captar aspectos que a ele parecem fáceis. Porém só é possível alcançar essa capacidade se se suportar a ansiedade de não saber.

Há pouco tempo fiz uma constatação interessante. Ao reler um texto de Melanie Klein, que há três anos tinha me parecido incompreensível, descobri estar fazendo a leitura com prazer. O texto era o mesmo, mas eu estava diferente. Três anos de terapia, de atendimento clínico, de supervisão tinham tornado os conceitos familiares — eu estava lendo sobre meu próprio psiquismo, não sobre as idéias complicadas de uma autora que desconhecia.

O mesmo se passa em relação ao paciente. De nada adianta tentar entendê-lo como a personificação dos sintomas descritos nos livros. Só a sensibilidade do terapeuta é capaz de captar suas angústias, fantasias e desejos, por identificação com as suas próprias.

Aprender a ser terapeuta é um processo, tal como a análise, interminável. Um processo inclusive de controlar a própria onipotência, de aceitar que alguns aspectos do cliente serão sempre difíceis de se entender, não importa o quanto de experiência se tenha; que a cada dia o paciente se modifica e o terapeuta também; que a terapia é uma relação, que deve ser vivida e não teorizada. Com a peculiaridade de que o terapeuta deve ser capaz de se envolver na relação, porém podendo utilizar seu ego racional para compreender o que se passa e transmiti-lo

ao paciente sem perturbá-lo. Algo que é quase mágico: ser capaz de um "splitting" sem se perder, um "splitting" que favorece a saúde e não a loucura.

Aprender a ser terapeuta talvez seja entender que o fundamental é estar sintonizado com o próprio inconsciente e que nenhuma teoria substitui a sensibilidade, o auto-conhecimento e o respeito pelo ser humano. Cabe ao supervisor ajudar o aluno a descobrir tudo isto, a se conduzir no caminho fascinante e difícil do conhecimento da mente humana.

BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, R. M. L. L. — O Ensino das Psicoterapias Psicanalíticas. *Estudos Psicologia*, 1 (3-4): 127-33, 1984.
- GRINBERG, L. — *A Supervisão Psicanalítica: Teoria e prática*. Trad. Júlio C. Guimarães. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- WINNICOTT, D. W. (1963) — "Dependência no cuidado do lactente, no cuidado da criança e na situação psicanalítica" In: *O Ambiente e os Processos de Maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Trad. Irineu C. S. Ortiz. Porto Alegre, Artes Médicas, 1982.
- ZARO, J. S. et alii. — *Introdução à Prática Psicoterapêutica*. Trad. Lúcio R. Marzagão. São Paulo, E.P.U./E.D.U.S.P., 1980.